

## A ERGOLOGIA COMO ABORDAGEM E MÉTODO PARA A PESQUISA SOBRE O TRABALHO UBERIZADO

### ERGOLOGY AS APPROACH AND METHOD FOR RESEARCH ON UBERIZED WORK

### LA ERGOLOGÍA COMO ENFOQUE Y MÉTODO DE INVESTIGACIÓN SOBRE EL TRABAJO UBERIZADO

**Janair Machado de Souza**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
ORCID – <https://orcid.org/0000-0003-4386-3925>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo identificar as potencialidades e os limites do método ergológico para compreender e analisar os saberes da experiência do trabalho uberizado, à distância da atividade. Para isso, será colocado em debate os pressupostos metodológicos da ergologia (TRINQUET, 2012) e as estratégias metodológicas de uma pesquisa de doutorado em curso, que pretende investigar quais e como são produzidos os saberes da experiência de trabalho de motoristas adultos maduros de empresa-aplicativo, em atividade uberizada. A discussão teve como foco a análise da estratégia do Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P) (TRINQUET, 2012) e da técnica de instrução ao sócia (DE SOUZA, 2017; ODDONE; RE, 2017b). Foram identificados limites para aplicação do DD3P na produção de dados, relativos à dinâmica e ao formato de dispersão da atividade dos motoristas de aplicativo. Entretanto, a técnica de instrução ao sócia, aliada à técnica da entrevista mostrou potencial de acessar à experiência dos trabalhadores por meio da palavra.

**Palavras-chave:** Atividade. Ergologia. Trabalho uberizado. Instrução ao sócia. Dispositivo dinâmico de três pólos.

**Abstract:** This article aims to identify the potentialities and limits of the ergological method to understand and analyze the knowledge of the Uberized work experience, at a distance from the activity. To this end, the assumptions of ergology (TRINQUET, 2012) and the methodological strategies of an ongoing PhD research will be discussed, which aims to investigate how knowledge of the work experience of mature adult drivers of on Uberized work is produced. The discussion focused on the analysis of the Dynamic Three-Pole Device (DD3P) strategy (TRINQUET, 2012) and the Instruction to the Double technique (DE SOUZA, 2017; ODDONE; RE, 2017b). Limits have been identified for the application of DD3P to data production, regarding the dynamics and dispersion format of app drivers' activity. However, the Instruction to the double technique, coupled with the interview technique, showed potential to access workers' experience through language.

**Keywords:** Activity. Ergology. Uberized work. Instruction to the double. Dynamic three-pole device.

**Resumen:** El presente artículo tiene como objetivo identificar las potencialidades y los límites del método ergológico para comprender y analizar el conocimiento de la experiencia de trabajo Uberizado, a distancia de la actividad. Para ello, se discutirán los supuestos de la ergología (TRINQUET, 2012) y las estrategias metodológicas de una investigación de doctorado en curso, que tiene como objetivo investigar cómo se produce el conocimiento de la experiencia de trabajo de los conductores adultos maduros de en trabajo Uberizado. La discusión se centró en el análisis de la estrategia del Dispositivo Dinámico de Tres Polos (DD3P) (TRINQUET, 2012) y la técnica de Instrucción al Doble (DE SOUZA, 2017; ODDONE; RE, 2017b). Se han identificado límites para la aplicación del DD3P a la producción de datos, en relación con la dinámica y el formato de dispersión de la actividad de los conductores de las apps. Sin embargo, la técnica de Instrucción al doble, unida a la técnica de la entrevista, mostró potencial para acceder a la experiencia de los trabajadores a través de la palabra.

**Palabras-clave:** Actividad. Ergología. Trabajo uberizado. Instrucción a Sosa. Dispositivo dinámico de tres polos.

## INTRODUÇÃO

Com o crescimento do desemprego estrutural, as oportunidades de trabalho estão cada vez mais escassas. Para as pessoas adultas maduras, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho é ainda mais dramática, levando muitas delas a procurar alternativas no mercado informal. Essa realidade não acomete apenas trabalhadores com pouca instrução e qualificação, mas também pessoas com elevado nível de escolaridade (MORAES; OLIVEIRA; ACCORSI, 2019). Tais condições, somadas ao movimento acelerado de envelhecimento da força de trabalho brasileira e à precarização das condições laborais, levarão estes indivíduos a compor uma força de trabalho precarizada e informal.

Considerando esse contexto, muitas pessoas mais velhas acabam encontrando alternativas que possibilitem a sua permanência em atividades remuneradas, no serviço de transporte de passageiros vinculado às empresas-aplicativo. A atividade de motorista de empresa-aplicativo emerge como a expressão de uma nova modalidade de trabalho, a uberização, que aprofunda ainda mais a precarização das relações laborais.

O trabalhador uberizado não possui quaisquer tipos de garantias, direitos, benefícios ou proteções sociais. Pelo contrário, é ele quem deve arcar com os custos, investimentos, impostos e riscos inerentes a sua atividade, além de estar permanentemente disponível ao trabalho (ABILIO, 2019).

Dessa forma, pesquisar as experiências do trabalho uberizado é necessário para melhor entender os saberes que se produzem nessas condições. No entanto, a dinâmica e o formato do trabalho do motorista de aplicativo, como a descentralização da execução das atividades impõe alguns limites para a observação e análise do trabalho, desde a perspectiva da abordagem ergológica. Com isso, uma questão metodológica se apresenta: como capturar os saberes da experiência, a partir da fala, à distância da atividade? Qual as potencialidades e limites do método ergológico para produzir dados e análises do trabalho do motorista uberizado?

Partindo desses delineamentos, o presente artigo tem como objetivo central identificar as potencialidades e limites do método ergológico para compreender os saberes da experiência do trabalho uberizado, à distância da atividade. Para isso, será colocado em debate os pressupostos metodológicos da ergologia (TRINQUET, 2012) e o desenho metodológico de uma pesquisa de doutorado em curso, que pretende investigar quais e como são produzidos os saberes da experiência de trabalho de motoristas adultos maduros de empresa-aplicativo, em atividade uberizada, na cidade de Porto Alegre/RS e região metropolitana. A discussão terá como foco a análise da estratégia do Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P) (TRINQUET, 2012) e da Instrução ao Sósia (DE SOUZA, 2017; ODDONE; RE, 2017b).

Dessa forma, o artigo será dividido em quatro seções. A primeira seção introduz o tema, o contexto, bem como o objetivo. A segunda seção traz os referenciais teóricos que dão suporte às discussões sobre a ergologia como método e abordagem, o conceito de atividade (CLOT, 2017; SCHWARTZ, 2011; TRINQUET, 2012) e a técnica de instrução ao sósia (DE SOUZA, 2017; ODDONE; RE, 2017b)). A terceira seção apresenta o método de

aproximação do campo e as observações realizadas. Na quarta seção se discute os limites e potencialidades da abordagem ergológica para capturar os saberes do trabalho uberizado. A quinta e última seção traz as considerações finais e aponta caminhos para pensar a abordagem ergológica em contextos de trabalho uberizado.

## **A ERGOLOGIA COMO ABORDAGEM E MÉTODO PARA ANALISAR A ATIVIDADE HUMANA**

Uma das principais questões daqueles que se deparam com estudos introdutórios da ergologia, é a tentativa de entender do que se trata: é uma disciplina, um conceito ou um método? São necessárias algumas aproximações que possibilitem responder a estas dúvidas. O artigo de Pierre Trinquet “Trabalho e educação: o método ergológico” é um texto basilar fundamental no processo para encontrar essas respostas. Trinquet parte do entendimento da ergologia como uma abordagem com característica pluridisciplinar. De acordo com o autor, a atividade humana é muito complexa para ser compreendida e analisada a partir de uma única disciplina.

Partindo desta constatação, propõe colocar diferentes saberes em diálogo, abrindo “outras possibilidades, outras abordagens metodológicas, outros conhecimentos e outros horizontes” (TRINQUET, 2012, p. 95).

A conjunção desses saberes é análoga a uma situação química, quando se mistura um átomo de oxigênio – que é um gás – com dois átomos de hidrogênio – que também é um gás –, obtém-se a água, que é um líquido. Nessa água, certamente, há oxigênio e hidrogênio, mas, a sua natureza é muito diferente; o que sinaliza a abertura de outras possibilidades e aplicações que esses dois gases originais podem oferecer. (TRINQUET, 2012, p. 95)

Essa abordagem pluridisciplinar sustenta o método: colocar em diálogo a pluridisciplinaridade dialética dos saberes eruditos e dos saberes da experiência. Portanto, para melhor compreender o trabalho, a Ergologia

apresenta como estratégia, o Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P): uma proposta de construção de conhecimento e proposições, a prática dos processos socráticos de duplo sentido, que convoca uma discussão triangular em torno de três elementos: o pólo dos saberes constituídos, o pólo dos saberes investidos na atividade e o pólo de exigências ergológicas: éticas, conceitos e meios.

Um pólo é entendido como um lugar virtual onde se reúnem uma série de saberes, competências e conhecimentos, e que constitui um grupo de pressão “que busca conhecer e reconhecer o seu ponto de vista, seus interesses, suas concepções, junto aos outros pólos que têm origem e concepções diferentes, porém, complementares.” (TRINQUET, 2012, p. 103). Nele há um conjunto de ideias, de conceitos e interesses, não sendo necessariamente composto por um tipo definido de indivíduos. Ao contrário, os indivíduos podem intervir e transitar nos diferentes pólos, tanto como detentores de saberes constituídos e investidos, quanto como organizadores do debate no pólo de exigências ergológicas.

O pólo dos saberes constituídos compreende os saberes formais, ou seja, os conceitos, conhecimentos acadêmicos e profissionais necessários para a elaboração do trabalho prescrito. São externos e anteriores à atividade de trabalho, construídos à distância da atividade, tanto no tempo quanto no espaço (SCHWARTZ, 2010b).

O pólo dos saberes investidos na atividade são os saberes produzidos na prática (SCHWARTZ, 2010b; TRINQUET, 2012), de diversas formas ou em diferentes níveis (LIMA; PETRUS; CUNHA, 2013), a partir das experiências da vida, da educação e investidos no corpo, “provisoriamente e até mesmo talvez definitivamente inconscientes” (SCHWARTZ, 2010b, p. 44). Estes saberes estão ligados à atividade em questão. São elaborados em tempo real para preencher as lacunas entre as normas prescritas e a singularidade das situações vividas (TRINQUET, 2012). O sujeito se utiliza desses saberes, de forma consciente ou não, para se adaptar ou renormalizar a atividade, frente a impossibilidade de cumprir as normas previstas, no aqui e agora.

São saberes que ocorrem em aderência, em capilaridade com a gestão de todas as situações de trabalho, elas mesmas adquiridas nas trajetórias individuais e coletivas singulares, contrariamente aos saberes acadêmicos, formais que, são desinvestidos, ou seja, que podem ser definidos e relacionados com outros conceitos independentemente das situações particulares. (SCHWARTZ, 2010b, p. 44)

O terceiro pólo, das exigências ergológicas, é o lugar da elaboração e definição dos caminhos e disposições que possibilitem a busca de soluções (TRINQUET, 2012).

Para controlar as condições necessárias para fazer o terceiro pólo funcionar, uma formação em ergologia se mostra, na prática, frequentemente, indispensável, a fim de que todos os participantes estejam sintonizados em relação ao problema a ser resolvido, estando apoiados em uma mesma base conceitual elementar. [...] Quem intervém nesse pólo? Todos os participantes, já referidos, implicados ao longo do processo, pois todos podem ter, a qualquer momento, sugestões de melhoria a propor. (TRINQUET, 2012, p. 105)

Um exemplo de aplicação prática da metodologia de DD3P apresentado por Trinquet (2012) os Grupos de Encontro de Trabalho. Os GRT's têm como objetivo a busca da solução de um problema definido por um grupo de indivíduos envolvidos e engajados, podendo resultar num consenso comum e realizável para todos os participantes. Isso significa dizer que um GRT tem potencial para responder a questões de uma coletividade, necessitando para isso da reunião de componentes mais ou menos homogêneos que discutam e formem consensos entre os pólos.

Figura 1 - Dispositivo dinâmico de três pólos



Fonte: Trinquet, 2012.

## A ATIVIDADE NO TRABALHO

Para melhor apreender a complexidade da abordagem e do método ergológico, é necessário compreender o conceito de atividade no trabalho. De acordo com Trinquet (2012), a atividade “é o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com o seu meio e com os ‘outros’” (TRINQUET, 2012, p. 96). Na ergologia, essa situação é nomeada como debate de normas. A atividade de trabalho, definida por Schwartz (2003, 2010a) como industriosa, é antecipada por normas operatórias e sociais, chamadas de normas antecedentes, sempre atravessada pelos debates de normas. Esses debates de normas podem gerar transgressões, que por sua vez podem resultar em renormalizações, ou seja, formas diferentes de executar uma tarefa específica.

Mesmo que a variabilidade de uma atividade de trabalho seja mínima ou difícil de ser percebida, a ergologia sustenta que ela é sempre singular. Ainda que a tarefa, a pessoa e o lugar sejam à primeira vista idênticos, a

situação não é. Assim, não é possível determinar completamente o que constitui a atividade. Para Vieira Júnior e Santos (2012) é nesse certo grau de imprevisibilidade que se manifesta a infidelidade do meio (CANGUILHEM, 2007), pois ele nunca se repete exatamente.

Assim, frente à imprevisibilidade, o debate de normas se constitui como uma dramática, que visa preencher as lacunas entre as normas prescritas e a situação vivenciada. O objetivo é dar conta dos aspectos não antecipáveis da atividade, ausentes da prescrição, e que precisam ser resolvidos pelo trabalhador em situação de trabalho (LIMA; PETRUS; CUNHA, 2013). Exige dos sujeitos arbitragens, conscientes ou não, que reivindicam sua experiência para fazer escolhas e tomar decisões frente ao aspecto singular da situação.

Do mais escondido no corpo, do quase inconsciente, ao plano mais explícito e reivindicado, toda atividade de trabalho é sempre um tipo de dramática. Entre as normas antecedentes, próprias a toda organização humana, e o distanciamento técnico e humano do impossível/invivível, toda atividade industriosa supõe os debates de normas; para resolver no cotidiano esses debates, é necessária, em nós, a presença operante de valores; arbitragens conduzindo aos ensaios de renormalizações guiando nosso agir industrioso (SCHWARTZ, 2015, p. 88).

Na perspectiva da clínica da atividade, a atividade é uma conjunção do que é visível nas interações dos indivíduos com os objetos de trabalho e o que é invisível, referente ao diálogo interno em que a pessoa arbitra sobre as possibilidades de ação, tanto a escolhida quanto as descartadas (PINHEIRO et al., 2016).

De acordo com Yves Clot (2007) a atividade é composta por três elementos: o movimento visível, o movimento invisível e os papéis sociais que contemplam as pré-ocupações. No movimento visível estão as atividades realizadas e que podem ser observadas, como os gestos e a comunicação verbal. O movimento invisível, em que o indivíduo dialoga consigo mesmo, abarca aquilo que se faz e o que não se faz, ou seja, as atividades



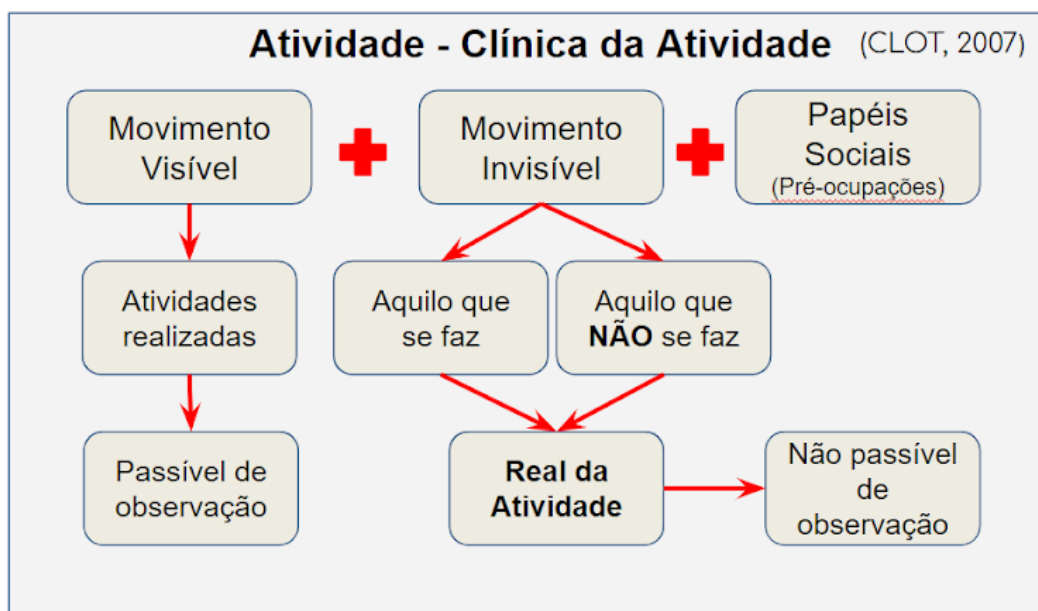
impedidas, não realizadas, porém cogitadas. É nesse movimento psíquico que se encontra o que o autor chama de Real da Atividade.

“A atividade é uma provocação subjetiva mediante a qual o indivíduo se avalia a si próprio e aos outros para ter a oportunidade de vir realizar o que deve ser feito. As atividades suspensas, contrariadas ou impedidas - até mesmo as contra-atividades - devem ser incluídas na análise.” (CLOT, 2007, p. 104)

9

O terceiro fator que compõe a atividade são os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos. Embora muitos possam parecer externos à atividade de trabalho, os diferentes papéis exercem pressões sobre as possibilidades e impossibilidades que influenciam as tomadas de ação das pessoas.

Figura 2 - Esquema do conceito de atividade, segundo a clínica da atividade de Yves Clot (2007)



Fonte: a autora, 2022.

## INSTRUÇÃO AO SÓSIA

A instrução ao Sósia (DE SOUZA, 2017; ODDONE; RE, 2017a) é uma técnica elaborada nos anos 1970, na Itália, como resultado de um trabalho coletivo composto por operários, acadêmicos e sindicalistas, coordenado por Ivar Oddone, integrante do Movimento Operário Italiano (PEREIRA, 2017). O principal objetivo desta técnica era resolver um problema novo, naquela época, para a comunidade científica, mas antigo na comunidade profissional, que consistia em:

[...]recolher a atividade real, principalmente no que tange à experiência de quem a executa. A atividade real é sempre a atividade de um sujeito, é sempre característica de um especialista que possui uma forte identificação com seu ofício. (ODDONE; RE, 2017a, p. 30)

Cunha (2018) relata que a técnica foi utilizada por Oddone e seu grupo, no contexto da experiência da Comunidade Científica Ampliada<sup>1</sup>. À medida que avançavam nas questões, eles perceberam que “algo lhes escapava nas tentativas de fazer com que os trabalhadores lhes dessem informações mais densas sobre sua experiência do trabalho” (2018, p. 176). Com essa técnica, os trabalhadores poderiam reproduzir o processo complexo dos comportamentos delegados traduzindo-os de acordo com a sua experiência.

Segundo Oddone e Re (2017b), para capturar a atividade real, principalmente no que tange ao nível da experiência pessoal do indivíduo, é necessário forçar quem a executa. A ficção do sósia consiste em um meio de extração da experiência particular, no qual o trabalhador é solicitado a participar de uma dinâmica em que instruir um suposto sósia seu,

---

1 Comunidade Científica Ampliada foi formada por um grupo de pesquisadores da Universidade3 de Turim, Oddone, Re e Briante (1981), a partir do estudo da experiência de trabalho dos metalúrgicos da FIAT automóveis na cidade de Turim nos anos 70. Os pesquisadores se reuniam com metalúrgicos, no contexto de Seminários Educativos, para discutir questões relativas aos elementos nocivos à saúde, no ambiente de trabalho (CUNHA, 2018 p. 177).

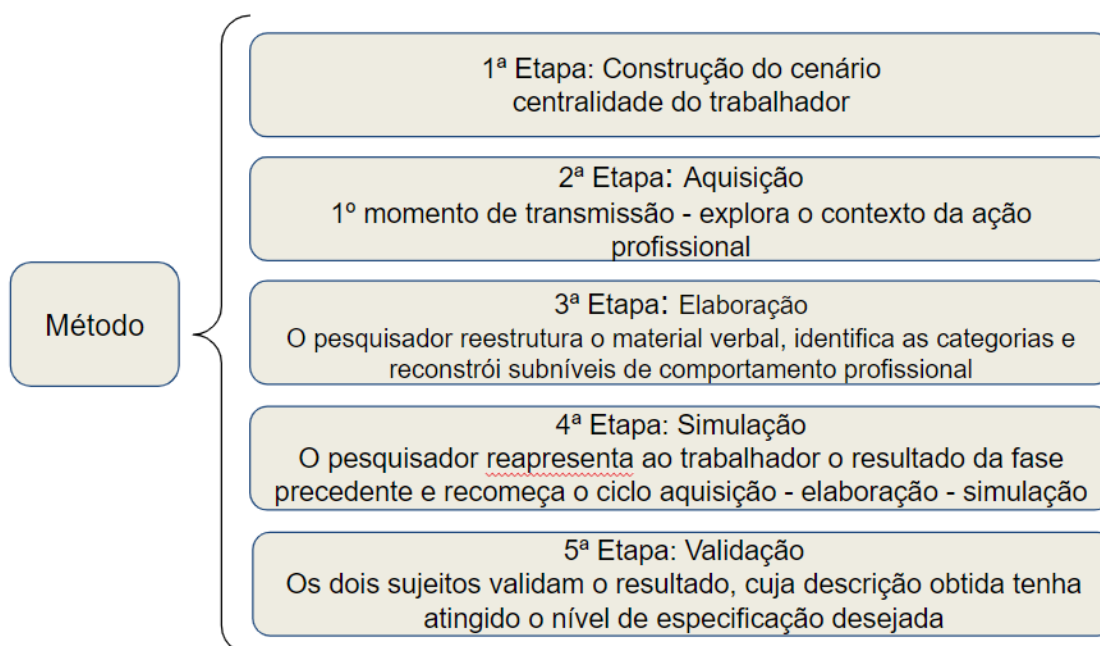
materializado na figura do pesquisador. A partir daí, ele passa as instruções de como realizar as atividades que ele próprio executa.

Imagine que eu seja igual a você do ponto de vista físico, que eu seja um sócio seu. Diga-me como eu deveria me comportar para poder te substituir no seu trabalho, sem que ninguém notasse essa troca. (ODDONE; RE, 2017a, p. 30)

A aplicação da técnica compreende cinco etapas. A primeira etapa é a construção do cenário, onde se procura centralizar na perspectiva do trabalhador sobre trabalho e na capacidade do pesquisador em reproduzir e transmitir essa perspectiva. Nessa etapa, há um movimento dialético e por vezes cansativo de repetição, a fim de que se possa explicar as sócia, aspectos que parecem óbvios ao trabalhador. A segunda etapa, chamada de aquisição, é o primeiro momento de transmissão, no qual se explora o contexto da ação profissional. Aqui o pesquisador observa e registra as características mais “exteriores da atividade, pois essas são descritas primeiramente (chego ao trabalho, entro no setor...); e de outro lado, explora o contexto da ação profissional.” (ODDONE; RE, 2017a, p. 30). Aqui, o objetivo é identificar a unidade temporal elementar da atividade, que se repete no tempo e “corresponde ao período em que se desenvolve a atividade profissional do sujeito” (p.30). Ou seja, a organização do tempo, das etapas e sequências, que estão entre o início e o final da atividade.

A elaboração é a terceira etapa, na qual o pesquisador reestrutura o material verbal e identifica as categorias, para reconstruir “os subníveis de do comportamento profissional e seus entrelaçamentos” (ODDONE; RE, 2017b, p. 31). A quarta etapa é a fase da simulação. A partir do material elaborado na fase anterior, o pesquisador apresenta ao trabalhador uma simulação da atividade, para que ele identifique aspectos ausentes na transmissão, reiniciando o ciclo aquisição-elaboração-simulação. Esse processo se repete até a quinta etapa, quando ambos sujeitos validam o resultado, cuja descrição tenha atingido o nível de especificação almejado.

Figura 3 - Esquema das etapas da técnica de instrução ao sócia (2007)



Fonte: a autora, 2022.

## MÉTODO

O presente artigo é parte integrante da etapa metodológica de uma pesquisa de doutorado intitulada “A produção de saberes na atividade de trabalho uberizada”, realizada junto ao programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa tem como objetivo analisar quais e como são produzidos os saberes do trabalho de motoristas de transporte de passageiros, vinculados à empresas-aplicativo, a partir das experiências em atividade uberizada. O objetivo central é identificar as potencialidades e limites do método ergológico como ferramenta de produção e análise dos dados relativos aos saberes produzidos pela experiência do trabalho uberizado, à distância da atividade.

As primeiras aproximações com o campo tiveram início em outubro de 2018, em conversas informais com os motoristas durante o uso do transporte por aplicativo. Muitos deles estavam abertos para comunicação e isso

facilitou o diálogo e a interação. Conforme o serviço era utilizado, algo que chamou a atenção foi a presença de sujeitos mais velhos trabalhando como motoristas de aplicativo, a maioria homens. Durante os contatos informais, as conversas giravam em torno da rotina de trabalho, sobre a experiência em outras profissões, sobre expectativas e planos. A grande maioria dizia estar “experimentando” aquela atividade, por razões distintas.

As incursões exploratórias evidenciaram que esses grupos tinham características laborativas bastante heterogêneas. Alguns motoristas vinham de experiências bastante diversas: eram engenheiros, professores, executivos de negócios, gerentes, bancários, vendedores, enfermeiros, representantes comerciais, corretores de seguros, garçons, motoristas de caminhão e taxistas. A grande maioria encontrava-se desempregado(a) e via nas propostas das empresas de aplicativo a oportunidade de obter uma renda, enquanto não conseguia se recolocar. Muitas destas pessoas tinham mais de 45 anos, idade em que as chances de reingresso ao mercado de trabalho reduzem bastante, por serem consideradas velhas (CAMARANO; CARVALHO; KANSO, 2019).

O movimento de aproximação com os motoristas e seu trabalho, trouxe elementos importantes para pensar a utilização da abordagem ergológica. Como o trabalho de motorista é atomizado, independente e ocorre em lugares distintos, é difícil a observação da atividade em seu “acontecendo”. Essa dificuldade é ampliada pela natureza da atividade principal (a condução do veículo), que implica em necessidade de atenção constante e no risco de acidente, frente a situações de distração. A essas questões, soma-se também a existência de outras tarefas que fazem parte do trabalho, que acontecem em outros tempos e espaços, como a gestão financeira, a resolução de contingências, a manutenção do veículo, entre outras. Assim, mesmo que a observação de parte da atividade seja possível, ela não atinge outros momentos do trabalho que constituem a totalidade da atividade do motorista de aplicativo.

A partir desses elementos, uma questão metodológica se apresentou: qual as potencialidades e limites do método ergológico para produzir dados e análises do trabalho do motorista uberizado? Como capturar os saberes produzidos na atividade dos motoristas, sem possibilidade de observação e intervenção, a partir da fala produzida nas entrevistas? Na seção seguinte são apresentadas as discussões sobre as possibilidades metodológicas, tanto os limites quanto às potencialidades.

### **LIMITES E POTENCIALIDADES DA ABORDAGEM ERGOLÓGICA PARA CAPTURAR OS SABERES DO TRABALHO UBERIZADO**

Como apontado em seções anteriores, essa interrogação surgiu na fase de exploração do campo, frente à escolha da abordagem ergológica como recurso teórico para compreender a produção de saberes do trabalho uberizado. O contato com a realidade imediata dos motoristas mostrou que existem alguns limites para a aplicação do método do DD3P.

Um desses limites é a dinâmica do trabalho do motorista de aplicativo. O formato da atividade dificulta a observação, pois não há um local e um horário específico para observar. Cada motorista tem a sua rotina, que é diversa, heterogênea e estabelecida por diversos fatores, que podem estar ou não sob o controle e o arbítrio do motorista. Por exemplo, ele pode decidir os dias, os horários em que vai trabalhar ou o local onde vai fixar seu "ponto" de espera de corridas. Entretanto, não tem controle sobre a frequência dos chamados de passageiros, o trajeto a percorrer, o valor das corridas, mas pode decidir por não aceitar.

Existem diferentes "tarefas" relativas à atividade de motorista que são realizadas em lugares distintos. Elas vão muito além de simplesmente dirigir o veículo e estabelecer uma comunicação pessoal com o passageiro. Precisam operar um dispositivo digital, tanto os aplicativos quanto o *Smartphone*, realizar o controle financeiro do que é faturado, desenvolver, executar e compartilhar estratégias de segurança, planejar e realizar a

manutenção do veículo, além de gerir as contingências, ou seja, a imprevisibilidade da situação, que faz parte da rotina dos trabalhadores. Cada uma dessas tarefas são realizadas em locais e tempos diferentes.

Essa descentralização da execução da atividade é uma característica que impõe outro limite: a dificuldade de reunir um grupo para realizar uma discussão de acordo com a metodologia DD3P. Além da dispersão do trabalho, também tem a questão financeira: eles só são remunerados enquanto estão em plena atividade, ou seja, quando estão transportando passageiros. Por isso, é bastante difícil convencer um motorista a fazer uma pausa no trabalho para participar de uma dinâmica, sobre a qual muitos não conseguem entender como pode lhe trazer vantagens. Nesse ponto, tem uma questão ética importante, que consiste em preservar os interesses dos participantes da pesquisa e não lhes causar qualquer tipo de prejuízo, especialmente financeiro e de trabalho.

A partir deste limite, um adicional se apresenta: a não possibilidade de realizar uma intervenção com um grupo. Assim, o desenho da pesquisa não prevê uma estratégia de intervenção, na qual possa se promover um intercâmbio entre os saberes acadêmicos constituídos e os saberes da experiência de trabalho investidos. Não há objetivo de solucionar questões definidas por uma coletividade envolvida e engajada ou de discutir sobre a atividade dos motoristas.

Dessa forma, esses limites acima expostos apontam a necessidade de acessar os saberes produzidos na experiência de trabalhadores motoristas de aplicativo, à distância da sua atividade. Nesse sentido, a palavra acaba por se constituir um meio possível para acessar esses saberes compartilhados, fazendo da entrevista um instrumento adequado para produzir evidências através do que é dito pelo participante. Ademais, possibilita conhecer as experiências que constituem os indivíduos e suas singularidades na atividade.

Entretanto, Trinquet (2012) adverte que é preciso prestar atenção quando se dialoga com o participante sobre o trabalho, pois há risco de não

se ter acesso à atividade. O autor fornece pistas sobre a diferença entre os dois termos, que podem ser confundidos, mas não são semelhantes.

Quando pedimos a um assalariado, qualquer que seja a sua área, que nos explique o que faz, ele descreve sempre o seu trabalho, jamais, descreve, espontaneamente, a sua atividade. É preciso muita perseverança, convicção e confiança para conseguir fazê-lo falar de sua atividade. (TRINQUET, 2012, p. 96)

16

Assim, o trabalho seria o conjunto das tarefas e responsabilidades prescritas, bem como os resultados esperados, relativos ao posto. A atividade se refere ao trabalho real, aquele efetivamente realizado, que pode não ser efetivamente aquilo que está prescrito, nem ser consciente na sua integralidade para aquele que o realiza. Essa dificuldade metodológica se coloca pela necessidade de, nas palavras do autor, ser necessária uma infiltração na intimidade do trabalhador, que não está muitas vezes acessível nem a ele próprio. Para isso, é necessário recorrer a outras estratégias para capturar a atividade pela palavra.

Schwartz (2010b, p. 45) adverte que apenas a análise da linguagem pode limitar a apreensão das sínteses que não conseguem ser verbalizadas. Sem a observação da atividade no seu acontecendo, aspectos importantes como os gestos, os olhares e posturas podem não ser capturados. Considerando a dificuldade de observar os participantes em atividade, a técnica de Instrução ao sócia mostra potencialidades que podem superar os limites que obstaculizam a observação direta.

Uma das estratégias para a aplicação da técnica de instrução ao sócia, pode ser a entrevista. Essa técnica privilegia a linguagem como meio de produzir evidência sobre experiência e os saberes produzidos em atividade. Embora, não alcance a observação do movimento visível da atividade, a entrevista pode ser um instrumento adequado para capturar o movimento invisível, tanto aquilo que se faz, quanto aquilo que não se fez. Com base na técnica de instrução ao sócia, é possível elaborar um roteiro de perguntas que tenha como objetivo captar o olhar do sujeito para si mesmo,



como um outro sujeito que desempenha a mesma atividade. Esse “olhar sobre o outro-igual” pretende capturar a perspectiva do sujeito sobre um outro que não ele. A partir dessa abordagem, haverá um deslocamento de si para o outro, que tem o potencial de revelar, com mais liberdade, informações sobre si que poderiam estar contidas ou represadas por receio de julgamentos.

Com o auxílio da perspectiva da clínica da atividade, a técnica de instrução ao sócia aplicada junto com a técnica de entrevista, revela um potencial para o acesso ao real da atividade, que compreende além das efetivamente realizadas, aquelas suspensas, impedidas ou contrariadas. Oportuniza ao trabalhador a exposição do diálogo interno, seus dilemas, suas arbitragens sobre as possibilidades de ação, tanto a escolhida quanto as descartadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo trouxe a discussão sobre as possíveis contribuições e limites da ergologia como abordagem e método para produzir dados e análises sobre o trabalho uberizado. A análise realizada possibilitou compreender que as características específicas da atividade de motoristas de aplicativo podem dificultar a captura dos saberes produzidos na atividade, desde uma perspectiva ergológica. Entretanto, também foram identificados potenciais, que viabilizam a utilização desta abordagem.

A imersão no campo e o contato com a realidade imediata de trabalho dos motoristas mostrou alguns limites para a aplicação do método do Dispositivo Dinâmico de Três Pólos (DD3P). Entre os limites estão o formato descentralizado da atividade dificulta a observação, a dispersão dos motoristas, que inviabiliza a reunião em grupos, e a intensificação do trabalho, que faz com que muitos não disponham de tempo livre para participar da dinâmica, pois só são remunerados enquanto estão em atividade.

Diante da impossibilidade de observação e intervenção em um grupo, a instrução ao sócia foi identificada com uma técnica potencial na abordagem ergológica, que viabiliza o acesso aos saberes produzidos na experiência de trabalhadores motoristas de aplicativo. Aliada à técnica da entrevista e com o auxílio da perspectiva da clínica da atividade, oferece um potencial para acessar a complexidade do real da atividade.

Importante sublinhar que todos os limites apontados estão relacionados com o método DD3P, que necessita de um coletivo reunido que promova o debate entre os pólos. Um último limite observado diz respeito ao próprio desenho da pesquisa, por não prever uma estratégia de intervenção com interesse em solucionar questões definidas por uma coletividade envolvida e engajada ou de discutir sobre a atividade dos motoristas.

O artigo apresenta os limites de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, que poderá revelar outras nuances com o avançar da investigação. Embora a opção estratégica de aplicar a técnica de instrução ao sócia esteja posta, podem existir outras formas de captura da experiência pelo dito. A escolha de análise dialógica do discurso (ADD) como método de análise pode ser uma opção para colocar a ergologia em diálogo com outros saberes, na expectativa de pensar outras possibilidades, outras abordagens metodológicas.

## REFERÊNCIAS

ABILIO, L. C. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, v. 18, n. 3, p. 41–51, nov. 2019.

CAMARANO, A. A.; CARVALHO, D. F.; KANSO, S. Saída precoce do mercado de trabalho: aposentadoria ou discriminação? *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 9, p. 3183–3192, set. 2019.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Tradução: MARIA THEREZA REDIG DE CARVALHO BARROCAS. 6a edição revista ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CLOT, Y. Trabalho e sentido do trabalho. Em: FALZON, P. (Ed.). Ergonomia Construtiva. [s.l.] Blucher, 2007. p. 261–280.

CLOT, Y. Clínica da Atividade. Horizontes, v. 35, n. 3, p. 18–22, 29 dez. 2017.  
CUNHA, D. M. A atividade entre a experiência e o conceito: fundamentos epistemológicos da abordagem ergológica do trabalho. Em: TIRIBA, L.; MAGALHÃES, L. D. R. (Eds.). Experiência: o termo ausente? Uberlândia: Navegando Publicações, 2018. p. 173–196.

DE SOUZA, M. Italian Workers Movement, Ivar Oddone and the Instruction to the Double 2. p. 13, 2017.

LIMA, N. V.; PETRUS, Â. M. F.; CUNHA, D. M. A produção de saberes no trabalho: qual o valor dos saberes investidos? Pedagógica: Revista do programa de Pós-graduação em Educação - PPGE, v. 15, n. 31, p. 321–336, 2013.

MORAES, R. B. DE S.; OLIVEIRA, M. A. G. DE; ACCORSI, A. UBERIZAÇÃO DO TRABALHO: A PERCEPÇÃO DOS MOTORISTAS DE TRANSPORTE PARTICULAR POR APLICATIVO. Revista Brasileira de Estudos Organizacionais, v. 6, n. 3, p. 647–681, 31 dez. 2019.

ODDONE, I.; RE, A. COMO RECUPERAR O SABER PROFISSIONAL | How to recover the professional expertise. Trabalho & Educação, v. 26, n. 3, p. 29–33, 2017b.

ODDONE, I.; RE, A. COMO RECUPERAR O SABER PROFISSIONAL | How to recover the professional expertise. Trabalho & Educação, v. 26, n. 3, p. 29–33, 2017a.

PEREIRA, M. DE S. MOVIMENTO OPERÁRIO ITALIANO, IVAR ODDONE E A INSTRUÇÃO AO SÓCIA | Italian Workers Movement, Ivar Oddone and the Instruction to the Double. Trabalho & Educação, v. 26, n. 3, p. 13–25, 2017.

PINHEIRO, F. P. H. A. et al. Clínica da Atividade: conceitos e fundamentos teóricos. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 68, n. 3, p. 110–124, dez. 2016.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e saber. Trabalho & Educação, v. 12, n. 1, p. 21–34, 2003.

SCHWARTZ, Y. Conhecer e estudar o trabalho. Le Philosophoire, v. 34, n. 2, p. 71, 2010a.

SCHWARTZ, Y. A Experiência é Formadora? Educação & Realidade, v. 35, n. 1, 20 abr. 2010b.

SCHWARTZ, Y. Qual sujeito para qual experiência ? *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, pág. 55-67, 2011.

SCHWARTZ, Y. CONHECER E ESTUDAR O TRABALHO | Knowing and studying the work | Connaître et étudier le travail. *Trabalho & Educação*, v. 24, n. 3, p. 83–89, 2015.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 10, n. 38e, p. 93, 18 ago. 2012.

VIEIRA JÚNIOR, P. R.; SANTOS, E. H. A GÊNESE DA PERSPECTIVA ERGOLÓGICA: CENÁRIO DE CONSTRUÇÃO E CONCEITOS DERIVADOS / The genesis of the ergological perspective: scenario building and derived concepts. *Trabalho & Educação*, v. 21, n. 1, p. 83–100, 29 mar. 2012.